

“Invenção de Onira” História de heróis anônimos, exasperações e remorsos, na ótica criativa de Sant’Ana Pereira

“Sertão. O senhor sabe: sertão onde manda quem é forte, com as astúcias...”

Silas Correa Leite

Guimarães Rosa, in “Grande Sertão: Veredas”

Um livro de peso, é a primeira impressão que fica após a leitura da obra *Invenção de Onira*, de Sant’Ana Pereira (Ed. Letra Selva, 2009, Taubaté-SP), romance de 272 páginas. Denso, de tirar o fôlego: a busca de um Eldorado tropical em terra “brasilis”, aqui muito bem nominada Cabânia. Embarcações em aventuras ribeirinhas, com alusões a uma Arca de Noé, só que levando ricos e pobres, miseráveis e expropriados, loucos e leprosos (todos os “modelos” da espécie humana), para um paraíso aqui mesmo na terra; dentro de uma onírica visão de região que emana leite e mel (e pássaros, rios, relevos, encantamentos). O homem contra si mesmo, mais os interesses dos podres poderes por trás, com os silvícolas sem teto, sem terra, sem amor.

E os personagens principais conduzindo a obra. Vinagre (temperando o sonho?), Lavor (trabalhando a ideia-terra-lugar-espaço, trabalhando-a), o virgem e casto Pilin, um cristão sonhador que fugiu da Igreja para conhecer a vida real dos fracos e oprimidos, e Suzel, a guerrilheira das palavras e atos, mais a sedução pelo sonho, pelo amor, por um mundo melhor, feito uma Shangri-lá aqui mesmo. O livro é tão bom que é como se já tivéssemos ouvido essa história antes, de alguma maneira, de algum ancestral, aqui detalhada com personagens, tipificações, detalhes, especificidades que qualificam a obra, ainda mais que contada com maestria, entre um certo neorealismo e pitadas a capricho de fantástico, entre linguagens náuticas, conhecimento de rios e portos, remos e rumos, corações e sentenças.

Um desdobramento de cenas fílmicas, de linguagens regionais, de lugares, dizeres; entre as contações com as caras da caboclada com sua orquestra de tons, citações, palavras e entendimentos de Deus, do mundo e do outro mundo. Política maquiavélica, folclore na medida, meditações sobre o pântano da condição humana. Uma procissão de lazarentos, mais a desejada lei da nova terra fundada na não-violência (Gandhi) que mesmo assim acaba ocorrendo por motivos torpes (posses, domínio, usurações, injustiças sociais, vinganças), até numa citação do Evangelho de amar ao próximo, tudo feita sob medida dentro das proporções do historial, como assim, mal comparando, uma ideia de um socialismo-moreno tropical de resultados, como pregava o maior patriota do Brasil, Leonel Brizola.

Histórias orais revisitadas, o sentimento do mundo. O leitor sentindo na carne (conhecendo na carne) um outro Brasil; um Brasil rural com suas contundências, desde o pano de fundo da Cabanagem (Revolução Cabana, 1835/1841), também aqui e ali o vislumbre da paleta de uma prosa poética bem colocada nas narrativas. Um livro que daria uma bela mini-série. Contundente e perfeitamente escrito, “Invenção de Onira” é um documento literário de um Brasil que já vai longe com seus contrastes sociais, lucros injustos, propriedades-roubos, e as chamadas riquezas impunes como pregou São Lucas. Tudo continua como antes, agora nas urbanidades; tantas são as ruas de amarguras dos excluídos sociais.

Sem ser panfletário, mas literalmente colocando o dedo nas feridas, o autor parte de um núcleo narrativo para outro, com outro novo enfoque concorrente, outra janela de contar, de um perso-

nagem a outro, levando a história bem estruturada para deleite do leitor. Juan José Sar dizia “Cada romance tem de ser um objeto único. O enredo ordena a sua forma. A estrutura do relato segue a intensidade da narração”. Sant’Ana escreveu uma obra brilhante nesse sentido, um clássico, por assim dizer.

O autor Sant’Ana Pereira, neto de índia colombiana, nasceu em Santarém do Pará, é radicado em Belém, já tendo publicados quatro outros livros, sendo que o próprio *Invenção de Onira* saiu numa outra primeira edição em 1988 (Ed. Cejup, Belém, PA), e, passando-se vinte anos, a obra ainda continua contagiante e atual, perfeitamente condizente com as vicissitudes das questões agrárias e de latifúndios improdutivos desses tantos brasis de uma historicidade inumana para a grande maioria da população, principalmente os bóias-frias, favelados, negros, índios, pobres, mamelucos, mestiços, os moradores de rua, porque ainda lhes restam a rua. O mundo real, o mundo do sonho. A dura realidade e as sequelas da colonização europeia (invasão do Brasil, não descobrimento), passando por certos enfoques dos ameríndios que se misturam aos afrobrasilis, tudo perfeitamente enquadrado naquilo que Caetano Veloso bem chamou (in Sampa), de uma “sulamérica de áfricas utópicas”, no livro ainda migrações, embustes, traições, o próprio uso do povo como bucha de canhão. Não foi por acaso que Carlos Drummond de Andrade sabiamente escreveu que toda história é remorso.

Conflitos e exasperações de conflitos, quando o homem agente alterador da natureza (na maioria das vezes para pior), humanizando o território, além de demarcando-o culturalmente, também enfrentando interesses escusos de terceiros, poderosos, feito algumas veredas dos grandes sertões e seus cafundós que remontam a Guerra dos Canudos com seus farrapos.

Gente, humana gente correndo atrás de utopias para dar uma chama à vida pobre, rotina amarga, sem perspectiva para o futuro, ter-



minantemente triste. A história do Brasil com seus tantos heróis anônimos, captados pela ótica criativa do autor. Raimundo Faoro dizia: “Acho que a história do Brasil é um romance sem heróis”.

Na verdade, sendo o escritor “antena de sua época” (Rimbaud), devendo dar testemunho de seu tempo, Sant’Ana Pereira recuperou heróis anônimos; retratou Onira feito um achado sócio-cultural, um paraíso-lugar que se fixa na mente do leitor, como a própria “Via de Meditação” que dá ao romance um significado cheio de iluminura, de esperança, muito além da perversidade dos poderosos insensíveis para com os excluídos sociais.

O *gran finale* do livro é de uma boniteza triste. Mas que mantém a chama acesa de um mundo melhor, em algum lugar do futuro, talvez, um Brasil melhor, mais justo, com inclusão social, e democracia social de paz para os sem-terra de boa vontade que almejam uma “Onira” como pagamento de uma dívida social histórica, muito além do campo do sonho, muito além da dura realidade dos descamisados todos, de todas as épocas, com seus tantos grilhões e amarguras.

Silas Corrêa Leite é jornalista, escritor e autor de *Campo de trigo com corvos*, contos, entre outros.

5 Anos sem Adriano Nogueira

Adriano Nogueira, advogado, intelectual e escritor, editou o jornal *Linguagem Viva*, desde sua fundação, em setembro de 1989, até a data do seu falecimento, em 23 de junho de 2004.

Adriano era solidário, humano, companheiro e fiel para com os amigos. Prestigiava todos os lançamentos de livros em São Paulo, as reuniões de diretoria da UBE, os enterros dos amigos etc. Vinha de Piracicaba de manhã para cumprir com suas obrigações e retornava no último ônibus.

O autor de *Registros Literários* nasceu em Piracicaba, Estado de São Paulo, a 8 de setembro de 1928. Trabalhou na Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz (USP) e se aposentou como funcionário do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

Foi agraciado com o *Troféu Mirante*, destinado ao destaque cultural do ano de 1990, em Piracicaba. Recebeu *Moção Honrosa da Câmara de Vereadores de Piracicaba* pelos Serviços Prestados à Cultura.

Atuou como secretário da Academia Piracicabana de Letras e foi diretor da União Brasileira de Escritores nas gestões presididas por Cláudio Willer (três vezes), Henrique L. Alves, Fábio Lucas (duas vezes) e de Levi Bucalem Ferrari. Na gestão de Henrique L. Alves exerceu o cargo de diretor jurídico.

Foram 15 anos de parceria, companheirismo e amizade. Sempre dividimos o trabalho, as tarefas e o fechamento de 178 edições.

Difícil é falar sobre a falta que ele faz como editor, entretanto é impossível dizer, no pequeno espaço deste editorial, sobre a falta que ele faz como Amigo.



Adriano

O MENINO E O ADULTO

Caio Porfírio Carneiro

Lido *Córrego das pedras* (Franca, SP, 2009), de um autor como este, de obra vasta, no campo ficcional e fora dele, de um estilo que se apurou e se enriqueceu em simplicidade e leveza, fica a pergunta para quem o acompanhou, como nós, o seu palmilhar nas Letras: O que dizer desta obra? Tão fácil somar elogios, de que ele não precisa, e escorregar, por isto mesmo, para a mesmice redundante. E para quem o conhece, como o conhecemos, de pronto vem a resposta: Para além do seu conteúdo, este livro é bem o Luiz Cruz de Oliveira, sua projeção pessoal até numa conversa descontraída entre amigos. Eis que esta é a linha vertical da sua essência criadora: tudo parece fácil e desprezioso. Isto vem a ser a marca, o tom e o tônus dos que dominam, com talento, a arte escrita, e a trazem ao vivo por um imperativo interior, projeção das suas próprias vidas.

Como nos poetas, Luiz Cruz de Oliveira não é elíptico: é essencial. Em cada capítulo curto da obra deixa ver e entrever mais do que escreveu. Amplia esses vãos sem desvios psicológicos, nascidos da intuição, com ressonâncias até poéticas, que correm nas entrelinhas. Essa espécie de jogo cênico varia de autor para autor.

O que dizer, então, deste livro, se já palidamente dissemos do escritor? Em síntese, sensível e humano, aqui está o homem que procura resgatar sua infância ida, perdida, sofrida, alegre, às vezes doída, como toda infância pobre, na primeira parte de livro: *Semeadura*, para, como uma lâmpada votiva, unir, como une, em unção perfeita, à segunda parte - *Cultivo* - que são os passos definitivos para alcançar o Alvo, pulsação constante, perseguida e alcançada: ser escritor. É um teatro realista e de sonhos; é um filme de enquadramentos variados, buscando esses sonhos, persistentes mas serenos; é um caminho onde ventos sopram em sentido inverso, mas não apagam a luz

votiva dessa fé maior que trouxe do berço e se lhe incorporou na alma.

Tudo isto unido e unguado numa sequência de capítulos rápidos, *lapi-dados*, essenciais, livres como sopros, que não volitam, descem na alma do leitor. Pouco vimos dedilhar tão suave nessa orquestração da vida do autor. Ao mesmo tempo, tudo aqui é palpável e humaníssimo. O menino observado pelo homem, e o menino, que se faz homem, une-se ao homem para numa visão só e num virar de cabeça dizer apenas: *Aconteceu assim...*

Vê-se bem que o autor, desde menino, é perspicaz, criativo, determinado, idealista. Tudo sem sustos. Palpita-lhe apenas a grande força de vontade, sem heroísmos vulgares. Ao revez, valendo-se sempre do seu temperamento dádivo e sereno, liberto de submissões.

Em definitivo, um elogio ao autor pela mensagem, talvez por ele nem percebida: vale a pena viver e perseguir o seu caminho. O de Luiz Cruz de Oliveira foi e é o das Letras. Caminha nelas com um talento notável.

O belo neste *Córrego das pedras* está ainda na pureza estilística destas reminiscências. Como Luiz Cruz de Oliveira sabe contar tanto com economia de meios... Livro para ser lido e sentido até o do fim para o começo, numa contagem regressiva.

Tal como ele diz, logo no primeiro capítulo: *"Então, o menino despertou dentro do adulto."* Completamos com os versos de Manoel Bandeira: *"O menino que não quer morrer, que não morrerá senão comigo..."* Ele continuará a levar o adulto a páramos sempre mais elevados na caminhada ascensional das Letras. Este livro é mais um degrau.

O resto? Já dizia Érico Veríssimo: *O resto é silêncio.*

E esperar outro livro, ou seja, outro degrau desta têmpera. Virá.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da UBE.

Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 48,00

Assinatura Semestral: R\$ 24,00



Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br
Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392
CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110
Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, caricatura e logo do jornal de Xavier - www.xavi.com.br
Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade dos clientes.

LIVRARIA BRANDÃO



Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

Sarau Clube Cem & Linguagem Viva

O Sarau do Clube Cem e do *Linguagem Viva* será realizado na última terça-feira de cada mês, a partir das 20:30 h., no Clube Cem, Rua Fradique Coutinho, 1048, Vila Madalena, em São Paulo.

O primeiro encontro, que acontecerá no dia **30 de junho**, terá como convidados os escritores Betty Vidigal, Caio Porfírio Carneiro, Eunice Arruda e Rosani Abou Adal. A apresentação musical será de Bia Cannabrava (voz) e Lupe Albano (violão).

Betty Vidigal autografará o livro de contos *Triângulos* e acontecerão os pré-lançamentos dos livros de contos de Caio Porfírio Carneiro - *O Copo Azul* e de Eunice Arruda - *Dias Contados*.

O evento abrigará leitura e dramatização de textos dos convidados, uma performance poética com a participação de Rosani, Marcos Carreira (direção) e dos músicos Ari Marcos (flauta) e Jefferson Araújo (violão).

Os eventos reunirão recitais, leituras dramáticas de textos, apresentações musicais de convidados, lançamentos e autógrafos de livros e cds. O sarau será coordenado por Ary Marcos, Marcos Carreira e Rosani Abou Adal.

Ary Marcos

É flautista, poeta, editor do site Samba de Alambique - www.sambadealambique.com.br -, produtor da Rádio Samba de Alambique e coordenador de rodas de samba e de choro no Escritório Bar. **Parceiro musical de** Lula Barbosa com músicas gravadas por Célia.



Betty Vidigal

É escritora, poeta, contista, jornalista, roteirista, formada em física, diretora da União Brasileira de Escritores e co-editora da revista *O Escritor*, da UBE.

Ministrou aulas de Design de Interiores na **E s c o l a** Panamericana de Artes e trabalha com redação de textos para empresas e realiza oficinas literárias. É

autora dos livros de poemas *Eu e a vela*, *Tempo de mensagem* e *Os súbitos cristais* e de contos: *Posto de Observação* e *Triângulos*.



Bia Cannabrava

É Paulistana, filha e neta de professoras de música. Viajou em vários países do continente para divulgar a música brasileira e conhecer o repertório hispano-americano.



Em 2006, gravou o seu primeiro cd *Bia Cannabra, que reúne* as canções que fizeram a sua história. Está com lançamento previsto para agosto do novo cd *Viagem*, que foi gravado entre 2008 e 2009, com canções de tradição popular e de autores e autoras que tratam a riqueza musical dos povos latino-americanos.

Caio Porfírio Carneiro

É escritor, poeta, romancista, contista, novelista, historiador, jornalista e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores, desde 1963. Nasceu a 1 de julho de 1928, em Fortaleza, Ceará. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN CLUBE de São Paulo, da Unión Cultural Americana (Buenos Aires), entre outras entidades.



Colabora nos principais suplementos do País, com ficção e crítica literária. Publicou 22 livros e tem trabalhos traduzidos para o espanhol, italiano, francês, alemão e inglês.

Foi agraciado com o *Prêmio Afonso Arinos*, da Academia Brasileira de Letras, com o livro de contos *Os Meninos e o Agreste* e com o *Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, com a obra *O Casarão*. Danielle Damiens fez estudo detalhado sobre *O Sal da Terra* para Trabalho de Estudo e Pesquisa (Maitrise LLCC, Universidade Stendhal, Bologne, France), em língua portuguesa.

Eunice Arruda

É escritora, poeta, contista, pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, membro da União Brasileira de Escritores e do Clube de Poesia de São Paulo. Foi agraciada com prêmio no *Concurso de Poesia PABLO NERUDA*, organizado pela Casa Latinoamericana, Buenos Aires, Argentina, em 1974; e com o *Prêmio Mulheres do Mercado*, concedido pela Casa de Cultura de Santo



Amaro - São Paulo/SP, em 2005.

Participou de antologias no Uruguai, Colômbia, França, Estados Unidos, Canadá. Ministra oficinas de criação poética desde 1984, em locais como a Biblioteca Mário de Andrade e a Oficina da Palavra (Secretaria de Estado da Cultura). Coordenou os projetos Tempo de Poesia/Década de 60 em 1995 e Poesia 96/97, promovidos pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Jeferson Araújo

É violonista e contra-baixista com mais de 20 anos de experiência. Apresentou-se em várias casas de espetáculos. Foi bolsista do Festival de Inverno de Campos de Jordão - 1992/93.



Lupe Albano

É músico, arranjador, cantor, violonista e diretor do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. Cancionista, compõe também para o cinema e espetáculos de teatro. Natural de Botucatu, formou-se em música na Fundação das Artes de São Caetano do Sul - FASCS.



Aluno de Joachim Koellheuter e Ricardo Rizek. Lecionou na Universidade Livre de Música - ULM. Vive em São Paulo, onde atua e trabalha.

Marcos Carreira

É ator, professor, iluminador e diretor teatral. Foi agraciado com os prêmios de Melhor direção pelo espetáculo *O Elixir da Vida* e Melhor Iluminação pelo espetáculo *Quase Uma*. Indicado para o *Prêmio Mambembe* Categoria Especial, pela Iluminação do espetáculo *O Vaqueiro e o Bicho Froxo*.



Rosani Abou Adal

É escritora, poeta, publicitária, jornalista, 2ª vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão, da União Brasileira de Escritores e do Clube Caiubi de Compositores.

Tem poemas traduzidos para o francês por Jean Paul Mestas e para o italiano por Renzo Mazzone. Foi agraciada com o *Prêmio Ribeiro Couto* - UBE/RJ, com o livro *De Corpo e Verde* e com o *Mulheres do Mercado*, da Prefeitura do Município de São Paulo, entre outros. É autora dos livros de poemas *Mensagens do Momento*, *De Corpo e Verde* e *Catedral do Silêncio*.



O Clube Cem

O C.E.M - Clube Etilico Musical, fundado em 4 de agosto de 2002, tem como objetivo resgatar, promover e divulgar a Cultura Brasileira para seus membros e comunidade.

Promove diversas atividades culturais como sarau de poesia, lançamento de livros e CDs, festas folclóricas, bloco carnavalesco e encontro de novos talentos com escritores, compositores e artistas plásticos.

O clube não dispõe de garçom. O público se serve e fica a vontade. O sistema é o de fichas no caixa. O Clube CEM criou em 27 de outubro de 2002 o bloco *Filhos da Mamãiss*, que resgata os bons carnavais, só com marchinhas.

Concurso de Marchinhas do CEM, festival informal de marchinhas está com inscrições abertas até o final de junho. Inscrições através do e-mail: mamaiss@terra.com.br.

O Clube CEM - Rua Fradique Coutinho, 1.048, funciona as quintas, das 20:00 às 00:00 h.; sextas, das 20 à 01:00 h.; sábado, das 18:00 à 00:00 h.; e domingo, das 12:00 à 00:00 h.

A casa abrirá excepcionalmente na última terça-feira para o sarau.

Serviço:

Entrada: R\$ 7,00. Sem taxa de consumo mínima.

O Clube Cem não aceita cartões de débito e crédito. Apenas cheque.

Não tem taxa de 10% do garçom. O sistema é de fichas no caixa.

Abertura da casa: 19:30 horas

Sarau: das 20:30 às 23 horas

Não pode fumar no local (Lei Prefeitura Anti-fumo). Haverá senhas para os tabagistas fumarem em local apropriado.

É proibida a entrada de menores de idade.

O Clube Cem é adequado acusticamente em relação à Lei do Psu da Prefeitura.

Rua Fradique Coutinho, 1048 - próximo à Livraria da Vila e à Rua Aspícueta.

Metrô Vila Madalena - ônibus Edu Chaves - ponto Fradique esquina com a Aspícueta. Tel.: (11) 3815-8456.

Síntese das Epopéias:

Maria Lúcia Silveira Rangel

Mahabárata - Poema épico composto para exaltar a dinastia Lunar. Narra a história da luta entre duas famílias rivais - Kauravas e Pândavas pelo reino de Hastinápura, com a vitória dos Pândavas. Data ignorada de sua criação.

Ramaiana - poema épico sobre a conquista do sul do país pelo árias. Contém 7000 versos em 7 livros. Séculos IV ou V A.C.

Teogonia de Hesíodo - Poema épico com pouco mais de 1000 versos, propõe contar a filiação dos deuses, desde as origens das coisas à constituição definitiva do mundo divino. Velhas tradições são conciliadas ou fundidas. Seu interesse reside no histórico e no literário.

Os Trabalhos e os Dias - poema didático de Hesíodo, com pouco mais de 800 versos. Por ocasião da partilha paterna, sentindo-se lesado pelo irmão Perses, tentou provar que o bem mal adquirido pouco se aproveita através de máximas e conselhos, alegorias e narrativas míticas. O estilo é vigoroso e pessoal, de espírito elevado.

Os Argonautas - de Apolônio de Rodes, composto no período alexandrino. Em um poema épico narra a viagem dos Argonautas em busca do Velo de Ouro. Constitui-se de quatro cantos e 6000 versos. A obra vale pela harmonia dos versos e pela bela descrição da Medéia.

A Ilíada - Epopéia de Homero, a mais importante obra do gênero, trata da guerra de Tróia pela reconquista de Helena, rainha de Esparta, raptada pelo príncipe troiano Páris. A guerra que durou dez anos termina pela destruição de Tróia, após o hábil estratagem do cavalo de pau. Nela se destacam heróis gregos, Aquiles, Ulisses, Ajax, e troianos, Heitor, Enéias, Príamo. O Maravilhoso com: Zeus, Hera, Afrodite.

A Odisséia - Trata das viagens de Ulisses, até seu retorno a Ítaca; viagens cheias de lances dramáticos e aventureiros. Com a presença do Maravilhoso como a do Cíclope, da feiticeira Circe, de Poseidon, amigo dos troianos que persegue o herói.

A Eneida - Epopéia de Vergílio, narra a viagem de Enéias desde Tróia até a chegada ao Lácio para fundar uma nova nação. Embora seja uma Epopéia artificial, não construída oralmente através de séculos, como a Ilíada e a Odisséia, pode ser considerada como tal pois possui as características de um poema épico: estilo elevado, narra um drama coletivo - a destruição de Tróia, feitos heróicos de Enéias, Turno, Camila. O personagem principal, Enéias, está ligado a um projeto nacional, a fundação de Roma. Presença do Maravilhoso pagão: Venus, Juno, Júpiter, Eolo.

O rei Artur e a Távola Redonda - ciclo bretão das canções de gesta. O lendário rei Artur do país de Gales e seus companheiros saem à procura do Santo Graal, o cálice sagrado no qual Cristo havia bebido em sua Última Ceia e que os anjos haviam arrebatado da terra, guardando-o no céu até que um varão muito puro aparecesse para que a ele fosse confiado. Dos heróis que buscam o Santo Graal, apenas Sir Galaard o alcança, uma vez que Sir Lancelote havia perdido sua pureza por ter um amor pecaminoso pela rainha Ginevra, esposa do rei Artur.

A canção de Rolando - A mais importante canção de gesta do ciclo carolíngio: a retaguarda do exército de Carlos Magno comandada por Rolando, sobrinho do imperador, é massacrada pelos bascos em Roncesvalles. Descreve as últimas façanhas do herói, sua morte e a morte de Olivérios.

Os Lusíadas, de Luís de Camões - Narra as viagens de Vasco da Gama. Pode ser considerada uma

Epopéia, pois está ligada a um projeto nacional que é o engrandecimento e a glória de Portugal através das viagens marítimas e os descobrimentos. Presença do Maravilhoso: Venus, Baco, Tétis, Adamastor.

Jerusalém Libertada, de Torquato Tasso - Narra os sucessos da primeira Cruzada no século XII, cujo fim era resgatar o Santo Sepulcro do poder dos infiéis. Seguindo os princípios da Ilíada, encontramos nela o Maravilhoso Cristão e o pagão no desenvolvimento das aventuras de Godofredo, Tancredo e Reinaldo.

O Uruguai, de Basílio da Gama - Contém 5 cantos em decassílabos brancos, sem rima, apresentando o Maravilhoso através do feiticismo indígena. Narra as lutas entre os índios, instigados pelos jesuítas portugueses e espanhóis nas Missões de Sete Povos do Uruguai. Lutas que se originaram do tratado de 1750, o qual transferia as Missões para os portugueses e a colônia de Sacramento para os espanhóis. Os principais personagens são Gomes Freire de Andrade, Cocambo, Cepé e Lindóia.

Caramuru, de Frei Santa Rita Durão - Epopéia em 10 cantos, em estilo tradicional, inspirado nos *Lusíadas*, apresentando o Maravilhoso pagão e o cristão. Aventuras de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, descreve as riquezas do Brasil, sua fauna, sua flora, menciona a organização social dos índios, seus valores e tradições. Os personagens principais são Caramuru, Paraguaçu, Moema. Maravilhoso pagão: "...tem Jove, Apolo e Marte por deidade...". (II - XLVI) Maravilhoso Cristão: "...A cruz de Cristo, as chagas, e os abrolhos..." (II - XXXVIII) .

Temos abordado até agora a Epopéia tal como foi concebida através dos séculos. Mas há na Literatura dois épicos que fogem à regra: *D. Quixote de la Mancha* e *Macunaíma*.

A obra de Cervantes, composta no Renascimento, é uma sátira à Escola Medieval, à qual se opõe. *D. Quixote*, leitor voraz de livros sobre a Cavalaria Andante, julga-se como tal,

e parte de sua aldeia acompanhado do escudeiro Sancho Pança, montado no Rocinante, à procura de façanhas, visando livrar os oprimidos; suas investidas são desastrosas, pois vive fora da realidade, embebido nas obras lidas e pode ser considerado um anti-herói.

Macunaíma, de Mário de Andrade, também considerada uma rapsódia pelo autor, apresenta um herói que foge da figura convencional, pois é um malandro sem caráter. Suas aventuras têm por objetivo recuperar seu "muitaquitã" roubado por Venceslau Pietro Pietra, o que consegue afinal. A obra, dedicada à pesquisa de lendas e mitos amazônicos, é antes de tudo simbólica. Voltada para a oralidade, a prosa possui, no entanto, forte e significativo estilo.

Dentro do Modernismo, os próprios autores diziam que "não sabiam o que queriam, mas sabiam o que não queriam", de modo que eram contra tudo o que se havia feito em Literatura, até então.

Mas a Epopéia não morreu.

Ainda hoje existem heróis épicos nas revistas de quadrinhos. *O Fantasma* e o *Super-Homem* são exemplos. Possuem ética, lutam contra o mal, estão ligados a um projeto nacional representando a pátria, nesse caso os Estados Unidos da América, e o Maravilhoso aparece nas possibilidades extra-humanas dos heróis. No *Fantasma*, são os feiticismos da tribo dos pigmeus e no *Super-Homem*, a possibilidade de voar.

Atualmente, com o globalismo, os heróis se sucedem, antes pela novidade que por um conhecimento mais profundo sobre eles. Ninguém vai se debruçar sobre *Harry Potter* tentando desvendar suas magias, mesmo porque o tempo é demasiado curto para qualquer tipo de assimilação, uma vez que em breve serão substituídos por outros heróis, de várias nacionalidades, misturando os costumes e as tradições como ordena a superpoderosa Midia.

Maria Lúcia Silveira Rangel é escritora e crítica literária.

Débora Novaes de Castro

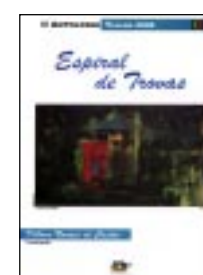
Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Poemas: II Antologia-2008
CANTO DO POETA - novo
Trovas: II Antologia-2008
ESPIRAL DE TROVAS - novo
Haicais: II Antologia-2008
HAICAIS AO SOL - novo

Opções de compra: Loja virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br

via telefax: (11) 5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040 .

ANOTAÇÕES (V)

Fábio Lucas

12. Primores

Houve uma época em que os órgãos de informação cultural da Europa, dos estados Unidos e consequentemente, do Brasil, não podiam passar sem comentários e discussões sobre a Teoria Crítica, derivada de concepções marxistas avançadas. Tornaram-se conhecidos Horkheimer, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, Ernst Bloch e alguns outros.

Entre as muitas obras que cuidavam do importante movimento, tivemos a tradução do livro de Stephen Eric Bronner: *Da Teoria Crítica e seus Teóricos*, por Tomás R. Bueno e Cristina Meneghelo (Campinas: Papyrus Editora, 1949).

Fala-se da dialética imobilizadora de Adorno, da imaginação radical de Marcuse, do materialismo reificado de Georg Lukács, das projeções utópicas de Ernst Bloch e de muitos assuntos mais, relacionados à Filosofia, à Política, à Estética, à Antropologia e à História. Foi uma das leituras mais ricas que enfrentei.

Mais tarde, tive em mãos *A Cultura na Era dos Três Mundos* de Michael Denning, traduzido por Cid Knipel (S. Paulo: Francis, 2005). Foi um benefício da Editora Francis, cujo catálogo projetou no Brasil obras de grande vigor cultural. A obra cuidou da globalização dos movimentos sociais e do destino da Literatura e das Ciências Sociais na virada dos últimos tempos. Trata especialmente das peculiaridades do pensamento estadunidense e, fato curioso, da escassa absorção do Marxismo nos

Estados Unidos.

A “era dos três mundos” se definiu como curto período de meio século, que vai de 1945 a 1989, em que se supunha que o planeta estaria dividido em três mundos: O primeiro Mundo capitalista; o Segundo Mundo comunista e o Terceiro Mundo em descolonização.

O autor investiga a cultura modernista, a indústria cultural e os aparelhos ideológicos do Estado. A obra *A Cultura na Era dos Três Mundos* é instigante e desafiadora. Rica de informações e farta de bibliografia comentada. Mergulha nos arcanos da cultura estadunidense.

13. Singular originalidade

O estudo epistemológico de qualquer obra deverá combinar investigação particular do texto que se oferece ao conhecimento do analista, a visão racional do trabalho, o *logos* da sua especificidade, mais as singularidades que a obra irradia dentro de sua gênese e na dimensão holística que a conecta ao mundo anterior às antevisionárias que a leitura inspira ou sugere. A intuição, acrescentada à racionalidade somam-se para criar a verossimilhança, dignificar o ato criador e elevar o produto da oficina crítica, tornando a interpretação o efeito mais irradiante do apelo verbal. O holismo, como se sabe, vem a ser a doutrina que postula a prioridade do todo sobre as partes. Mas a generalização não pode matar a natureza do específico nem a autonomia da singularidade. A obra original instaura sempre o desvio da norma.

14. Exemplar originalidade

Surpreende a leitura de *Lâminas*

(S. Paulo: Edições do Autor, 2009) de Fábio Magalhães, coletânea de poemas a que se juntam as ilustrações de Rodrigo de Haro. Na verdade, o ilustrador promove, em visão plástica, a primeira interpretação dos poemas. Uma espécie de sùmula visual da contida expressão verbal do autor de *Lâminas*.

Conhecido crítico e professor das Artes Plásticas, Fábio Magalhães dá curso a um engenhoso grupo de composições líricas, nas quais projeta qualidades evidentes de expressão poética. O signo “lâmina” se reproduz e se multiplica num sem-número de situações dramáticas. Ao produzir as emoções da leitura, o signo de Fábio Magalhães vai além da anedota básica da Semiologia: a palavra “cão” não morde. Mas as projeções de “lâmina” num desdobramento ora metafórico, por ideação substitutiva, ora metonímico, em face da ideação contínua e associativa, despertam no leitor emoções intensificadas pela valorização artística.

A primeira consideração que ocorre ao intérprete de *Lâminas* é que o poeta, partindo de signos designativos de objetos laminados, agudos e cortantes, atinge sentimentos humanos de igual propriedade. Que se leia o poema “Paixões”. O primeiro poema “Desejo” termina num terceto anímico, de forte conotação emocional: “mesmo frustrada/ sonha ser punhal/ a faca da cozinha.”

Há uma estirpe de poetas que preferem apresentar-se como construtores. Sejam exemplos Valéry e

João Cabral de Melo Neto. Abominam os improvisos mesmo aqueles de forte sedução musical. Outra geração dá asas aos valores inatos, inspirados, que trazem dentro de si, como uma espécie de marca de nascença, um destino, uma loucura. São os poetas possuídos por vibrações espontâneas. Creio que Fábio Magalhães se incluiria na primeira linha, embora os seus sóbrios sinais linguísticos estejam impregnados de emoções extremas: desastres, ameaças, luxúria, vida e morte.

O todo poemático de cada composição se deixa impregnar das paixões humanas. O poeta chega a compor poemas com feição narrativa, como, por exemplo: “Esquina”, “A hora do cão”, “Baile fugaz”, “Borboleta”. A poética de Fábio Magalhães pode resumir-se ao início do poema “Desforra”: “A vingança/ une planejamento/ e memória”. Planejamento e memória sustentam no alto a coletânea. Evocam-se autores, como Jorge Luis Borges, num imaginado diálogo em “Cuchillo”. A “arte poética” retorna no poema “Ordem musical”, consoante a primeira estrofe: “Toda vingança é musical/ mas não se toca de improviso/ deve-se obedecer/ rigorosa partitura”. Vê-se, em conclusão: Fábio Magalhães entrega-se à poesia em plena consciência artesanal. Alinha-se entre os melhores poetas de sua geração.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.

Indicador Profissional

José Jorge Nogueira Mello

Advocacia Civil e Agrária



Tel.: (11) 3337-6679

Rua 24 de Maio, 35 - Cj. 1509 São Paulo - SP - 01056-900



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

1- Complete com: mas, mais, más:

- A mãe e o filho discutiram, _____ não chegaram a um acordo.
- Você quer _____ razões para acreditar em seu pai?
- Pessoas _____ deveriam ser punidas.
- Eu limpo, _____ depois vou brincar.
- O frio não prejudica _____ o homem.
- Todas as atitudes _____ devem ser perdoadas.

Resposta:

- Mas.
- Mais.
- Más.
- Mas.
- Mais.

f) Más.

Mas = porém.

Mais = indica quantidade.

Más = feminino de mau.

2- Complete usando meio ou meia:

- Maria chegou _____ atrasada.
- Ela é _____ louca.
- Mamãe engordou _____ quilo.
- Levei _____ torta para vovó.
- Mariana está _____ assustada.

Resposta:

- Meio.
- Meio.
- Meio.
- Meia.
- Meio.

Meio = metade – concorda com o nome a que se refere.

Meio = advérbio = mais ou menos – É invariável.



Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infante-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

IMPRESSÕES SOBRE “A MULHER, O HOME E O CÃO”

Beatriz Bajo

É de um entrelaçamento de faltar o fôlego.

“A mulher, o homem e o cão” (Ed. LetraSelvagem, 152 pág., Taubaté, SP, 2009), novo romance do escritor paraense radicado em Taubaté - SP, Nicodemos Sena, é um livro de um simbolismo que extrapola ao oferecer significados porque se mesclam entre os elementos endurecidos e fluidos, escorregadios e densos e passeiam pela mente da gente em meio a folhas e galhos de alumbramento. A tríade metamorfoseia-se em outras tantas reflexões e flexões da vida por dentro, costurando uma rede finíssima com as agulhas da solidão e da angústia que nos pincha os olhos à escuridãozinha da melancolia que permeia a selva-segredos dos questionamentos e medos emaranhados pelos nossos cipós dogmáticos norteadores das trilhas. Um tropeço e tudo se desata, ou implexa, perplexa os entendimentos e sensações ao mítico enredo permeado de multiplicidade e apagamentos.



Nicodemos Sena escreve “A mulher, o homem e o cão” como quem enfeitiça, levando-nos a devorar suas imagens, a investigar suas personagens com a ânsia das interrogações que esfregam suas unhas nos desejos de conhecer todas as histórias que brotam, reflorescem e murcham dentro da prosa instigante que cabe na escritura fantástica dessa obra.

Toda a humildade se curva ao enovelado contexto em que o homem é uma pequenina parte diante da suntuosidade da natureza e das carapuças em que os mortais caem frente aos seus valores e crenças, vestidos com as cores arquetípicas do feminino, do masculino e do cão, com as suas ambigüidades aparentes e surpreendentes.

Para quem se interessa pelo enredamento da existência, pelos seus enigmas, provocações e indagações... Vale a pena dar uma conferida.

Beatriz Bajo é mestra em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

NÉVOA E SONHO

Débora Novaes de Castro

Numa saudade santa e sem sentido de estrelas do passado, névoa e sonho, mil vezes, e outras mil, haja eu vivido na bolha-encanto de um país risonho.

Um tempo áureo, retalho descosido bordado a cores, que a gosto reponho, uma a uma, num escrínio definido: dois lagos rasos, num luzir tristonho.

Desperto, o sonho, de incontidas vagas, paraíso de inenarráveis plagas, feixes de luz, a coroar o instante.

Qual flor do campo, ávida por perfume, foste meu sol, eu um simples vaga-lume sob o luar, sofrido, ainda pulsante!

Débora Novaes de Castro, Mestre em Comunicação & Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes, Puc-SP; Pertence à Academia Cristã de Letras, Academia Paulista Evangélica de Letras, União Brasileira de Escritores-SP e outras Entidades da Cultura.

POEMAS ESCOLHIDOS

Fernando Py

Em sua Coleção 50 Poemas Escolhidos Pelo Autor, as Edições Galo Branco publicam mais alguns volumes, três dos quais serão comentados a seguir:

50 poemas escolhidos pelo autor, de Astrid Cabral (Rio de Janeiro: Galo Branco, 2008, volume 28). A poesia de Astrid Cabral, que acompanho desde seu primeiro livro (*Ponto de Cruz*, 1979), costuma cruzar o coloquial com o simbólico, em dicotomias (vulgar/coloquial, simbólico/sublimação, etc.) que criam uma tensão dramática de muito lucro expressivo a seus poemas. Aos poucos, ela aperfeiçoa o cuidado artesanal e a perfeição técnica, e sua linguagem se vale de recursos vários de sintaxe e dicção, com vistas a uma reflexão que revela também as raízes filosóficas de sua poesia. Esta vai acentuando o poder expressivo dos versos, numa dicção bastante concisa, refletindo não apenas sobre o choque de duas culturas (a brasileira e a norte-americana), mas também sobre suas perdas pessoais (o filho Giles e o marido, poeta Afonso Félix de Sousa). Mesmo assim, Astrid não se deixa levar pelo sentimental, mantendo a lucidez necessária ao excelente nível de poesia que sempre apresentou.

50 poemas escolhidos pelo autor, de Aricy Curvello (Rio de Janeiro: Galo Branco, 2007, volume 25). Outro poeta que também acompanho desde o nascedouro (com *Os Dias Selvagens te Ensinam*, 1979). No começo, sua

poesia se voltava para questionamentos político-sociais, mas sem desprezar o fator linguagem, buscando dar mais altitude à expressão poética. Em *Mais que os Nomes do Nada* (1996), a própria linguagem é questionada, não que a considere ineficaz, mas prefere dar espaço aos aspectos plásticos e visuais da palavra e da página, tudo isso mesclado de uma reflexão sobre a nossa realidade. É dessa última coletânea o poema “O Acampamento”, texto que expressa com vigor a ação do homem sobre a paisagem (em geral, destruidora), e no qual o poeta recria com propriedade e domínio de linguagem a situação da floresta amazônica continuamente devastada. Nesse poema Curvello alia admiravelmente a expressão poética ao tema de caráter social, num excelente trabalho de arte em plena maturidade.

50 poemas escolhidos pelo autor, de Maria Thereza Noronha (Rio de Janeiro: Galo Branco, 2008; volume 32). Nota-se na autora, principalmente, a destreza no manejo dos poemas de versos isométricos, muito bem medidos. Sua poesia desenvolve igualmente uma linguagem alegórica de grande eficiência, e valoriza a importância das palavras no contexto como se vê em diversos poemas. Vale a pena uma leitura cuidadosa.

Fernando Py é escritor, crítico literário, advogado e tradutor.

Concursos

3º Prêmio Internacional Poesia ao Vídeo, promovido pelo Instituto Maximiano Campos, está com inscrições abertas até o dia 1 de outubro de 2009. **Premiação:** 1º colocado R\$ 4.000,00, 2º lugar R\$ 3.000,00 e o terceiro R\$ 1.000,00; além de passagens e hospedagens para a *Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas*, que acontece entre os dias 5 e 8 de novembro. **Inscrições:** www.fliporto.net. Os poemas devem ser originalmente escritos em língua portuguesa ou espanhol.

Concurso Banco Real Talentos da Maturidade, destinado a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, está com inscrições abertas até 22 de agosto. Aberto para as categorias contos, poesias monografias com o tema: *Mais de 60 anos: os desafios dos profissionais*. **Premiação:** Troféu e R\$ 7 mil reais para os cinco primeiros colocados de cada categoria. **Informações:** www.bancoreal.com.br/talentos

X CONCURSO LITERÁRIO DE POESIAS, promovido pela Prefeitura Municipal de Casimiro de Abreu, Fundação Cultural Casimiro de Abreu e Academia Casimirense de Letras e Artes, está com inscrições abertas até o dia 31 de julho. Poderá ser inscrito um poema inédito, escrito em língua portuguesa, digitado em papel branco A4, em um só lado da folha, fonte Arial ou Times New Roman, tamanho 12, espaço 1,5, em cinco vias. É obrigatório o uso de pseudônimo.

Informações e Inscrições: Casa de Cultura Estação Casimiro de Abreu, situada à Praça Lucio André s/n, Centro – Casimiro de Abreu - RJ - 28860-000. Sites: www.casimiro.rj.gov.br e www.culturacasimiro.rj.gov.br, **Premiação:** 1º colocado: uma máquina fotográfica digital; 2º: um micro-sistema; e 3º: um aparelho MP4.

Lançamentos & Livros

O Copo Azul, contos de Caio Porfírio Carneiro, Scortecci Editora, São Paulo, SP, 72 páginas. O autor, escritor, jornalista, secretário administrativo da UBE e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, foi laureado com o *Prêmio Afonso Arinos*, da Academia Brasileira de Letras, com o livro de contos *Os Meninos e o Agreste* e com o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, com *O Casarão* (contos). A obra reúne 20 contos inéditos de várias vertentes estéticas da histórica curta e é o décimo livro do gênero publicado.

Scortecci Editora: Tel.: (11) 3032-1179.
Site: www.scortecci.com.br . **Livraria**
Asabeça: www.asabeça.com.br
Caio: caio@ube.org.br



Dias Contados, contos de Eunice Arruda, RG Editores, São Paulo, SP, 64 páginas. A autora, poeta, contista, formada em Comunicação e Semiótica, foi laureada com o *Prêmio Mulheres no Mercado* da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e premiada no *Concurso de Poesia Pablo Neruda da Casa Latinoamericana* de Buenos Aires. A obra reúne 12 contos de histórias curtas, que são bem lapidados tecnicamente com a mesma maestria que os poemas criados pela autora.

RG Editores: Tel.: (11) 3105-1743.
Site: www.rgeditores.com.br
Eunice: poetaeunicearruda@bol.com.br



Triângulos, contos de Betty Vidigal, Editora Alaúde, São Paulo, SP, 128 páginas, R\$ 18,00. A autora é escritora, poeta, roteirista, física, jornalista e diretora da União Brasileira de Escritores. A obra mostra que todas as relações entre humanos colorem-se quando três indivíduos interagem, rompendo a serenidade do face a face, do *tête-à-tête*, ou quando um objeto desorganiza a interação de dois indivíduos.

Onde Comprar: site www.alaude.com.br
ou nas melhores livrarias.



Oficina do Soneto, poemas de José Geraldo Pires-de-Mello, Thesaurus Editora, Brasília, DF, 294 páginas. José Geraldo, escritor e professor, é membro-fundador e diretor da Academia de Letras do Brasil, membro da Academia Brasiliense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, da Associação Nacional de Escritores, entre outras entidades. A obra, primeira antologia pessoal do autor, que reúne sonetos produzidos entre 1952 e 2008, é dividida em três partes: *A Lira de Yeda Nícia* (de inspiração feminina), *a Lira do Mundo Vário* (temática lírica, erótica, entre outras) e *Minha Musa Brincalhona* (de natureza burlesca).

Thesaurus Editora: Tel.: (61) 3344-3738.. Site: www.thesaurus.com.br

OS MORTOS SEMPRE RETORNAM

Rodolfo Konder

Na Cidade do México, nos anos 70, um violento terremoto expôs as entranhas da terra e, com elas, inúmeros cadáveres que nos contavam histórias de torturas, desmentindo os discursos oficiais e desmoralizando as autoridades mexicanas aos olhos do mundo. No Chile, corpos descobertos em cemitérios clandestinos redefiniram o passado e puseram contra a parede os remanescentes da ditadura militar encabeçada pelo general Augusto Pinochet. Também na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, no Brasil, no Peru e na Bolívia – para citar apenas algumas nações latino-americanas que viveram a estilhaçadora experiência do autoritarismo –, os mortos retornaram das trevas para assombrar algozes, assassinos e torturadores.

Depois do alvorecer político provocado por Mikhail Gorbachev, quando os raios de sol da glasnost atravessaram os vitrais do Kremlin e iluminaram os porões da “ditadura do proletariado”, a União Soviética se tornou uma sinistra caixa de Pandora. Os cadáveres de todos os gulags, de todas as conspirações, de todas as farsas surgiram das ruínas de um império que se apoiava na violência e no medo, nos massacre e nas mentiras, na delação e na tortura.

Há 64 anos, os exércitos aliados ensarilhavam suas armas,

enquanto Adolf Hitler se suicidava nos escombros de um bunker e de uma Alemanha ensandecida. A partir daquela derrota sangrenta, montanhas de cadáveres emergiram dos porões de Dachau, Auschwitz, Treblinka, Birkenau e de todos os campos de concentração e extermínio erguidos pelo nazismo. Os mortos nos revelaram novas dimensões do sofrimento humano, chegaram até nós num rio de sangue e desalento, obrigando-nos a nos colocar diante do implacável espelho da História, num mergulho quase insuportável em nossa própria fraqueza, em nossa alma fragmentada e solitária.

Das colinas de Sarajevo, dos arrozais do Vietnã, das planícies da Chechênia, para os lados do Mar Cáspio, da Coreia e das Malvinas, do metrô de Tóquio e do Golfo Pérsico, de Oklahoma e de Hiroshima, de Dresden e de Leningrado, de Cuba e do Afeganistão, da China e da África do Sul, das praias e dos terrenos baldios, do mar e da montanha, de ontem e de hoje nos chegam as vítimas de todos os crimes cometidos pelos homens. Elas sempre chegam até nós, para nos lembrar e nos esclarecer.

Todas as pessoas vitimadas por algum tipo de crime estão aqui conosco, à espreita, porque nós, seres vivos, também somos os que já se foram.

Rodolfo Konder é jornalista, escritor e Coordenador da Representação São Paulo da Associação Brasileira de Imprensa.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

Notícias



Suassuna, o ministro Lewandowski e Celita Procópio de Carvalho

Ariano Suassuna foi o vencedor do Prêmio FCW na categoria Cultura, que é promovido pela Fundação Conrado Wessel. A cerimônia de entrega do prêmio, no valor de R\$ 200 mil, aconteceu no dia 1 de junho, na Sala São Paulo. O ministro do Supremo Tribunal Federal Ricardo Lewandowski entregou um troféu ao autor de *Auto da Compadecida*. A solenidade contou com a presença da presidente da Comissão Julgadora do Prêmio, Celita Procópio de Carvalho. Também foram agraciados Leopoldo de Meis - Ciência Geral, Ernesto Paterniani - Ciência Aplicada e Sílvio Pileggi - Medicina.

A Câmara de Comércio França-Brasil lançou o livro *A presença francesa no Brasil: de Villegaignon ao século XXI*, em comemoração ao Ano da França no Brasil, pela Editora Conteúdo. A obra reúne momentos importantes da história e das relações políticas, culturais e intelectuais do Brasil e da França.

J. B. Donadon-Leal, Andréia Donadon Leal e J. S. Ferreira nos dias 1 e 2 de maio visitaram as casas de alguns moradores da cidade mineira de Santa Bárbara para doação de livros, leitura de poesias e contos. A iniciativa faz parte das ações do Projeto Poesia Viva: Poesia bate à sua Porta com os Poetas do Jornal Aldrava Cultural.

Vida Literária, livro de Napoleão Valadares, foi publicado pela Maranata Editora. A obra é uma peça em quatro atos, na qual se conta a história da Associação Nacional de Escritores, a partir da sua criação (21 de abril de 1963), até o dia 22 de agosto de 1996, quando foi inaugurada a sua sede própria. São citados livros das épocas em que se desenrolam os fatos: 1963 (primeiro ato), 1987 (segundo ato), 1990 (terceiro ato) e 1996 (quarto ato); e mencionadas antologias, revistas literárias e instituições culturais. Registra-se parte da história da literatura brasileira.

Melhores Poemas Mário Quintana, com seleção e apresentação de Fausto Cunha, foi lançado pela Global Editora.

A 14ª Feira Internacional do Livro de Lima, Peru, que acontecerá de 23 de julho a 2 de agosto, terá o Brasil como país homenageado. O estande brasileiro será organizado pelo Ministério da Cultura do Brasil, Fundação Biblioteca Nacional, Embaixada do Brasil em Lima, Sindicato Nacional dos Editores de Livros e pela Câmara Brasileira do Livro.

Salim Miguel foi laureado com o Prêmio Machado de Assis de 2009 da Academia Brasileira de Letras. Também foram laureados os escritores Francisco de Salles Araújo, *Literatura Infantil*, com *Cordelinho*; Silvano Santiago, *Ficção*, com *Heranças*; e Paulo Bezerra, *Tradução*, com *Os Irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski.

O III Festival Internacional de Poesia de Dois Córregos, promovido pela Usina de Sonhos acontece de 26 a 28 de junho, no Hotel Estância Santa Paula, Av. Gofredo Schelini s/n, em Dois Córregos (SP). A Usina de Sonhos é presidida por José Eduardo Mendes Camargo. O evento conta com o apoio da UBE. Francisco Moura Campos representará a entidade no evento. Informações: coordenação@usinadesonhos.org.br

Léo Vaz: o cético e sorridente caipira de Capivari, obra coordenada por Virgínia Bastos de Mattos, foi lançada pela Editora Migalhas.

A 9ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto será realizada de 18 a 28 de junho, nas praças XV de Novembro e Carlos Gomes e na Esplanada do Theatro Pedro II, em Ribeirão Preto. Estão programados eventos que abrangem a literatura e as manifestações artísticas.

Ana Maria Machado, em comemoração aos 40 anos de carreira, lançará, pela Edições SM, uma coletânea com o tema Brasil, que será organizada na forma de verbetes.

O II Colóquio Internacional de Análise do Discurso acontecerá na UFSCar entre os dias 16 e 18 de setembro. Informações: e-mail ciad@ufscar.br - Tel.: (16) 3351-8360.

Emanuel Medeiros Vieira participará da *Viagem às Nascentes da Língua Portuguesa*, do dia 21 de junho a 1 de julho, para proferir palestras em colégios, universidades, entidades culturais, consulados e na sede da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Flávia Savary lançou *Sangue de dragão – palco de paixões*, peça teatral para jovens, Editora FTD.

A Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura - está promovendo cursos e oficinas. Informações: Tels.: (11) 3285-6986 e 3288-9447. Site: www.poesis.org.br/casadasrosas. Av. Paulista, 37, em São Paulo.

A Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, o Instituto Brasil Leitor e a Fofétil inauguram, no dia 02 de junho, no Brás, em São Paulo, a primeira biblioteca em uma estação de trem do Brasil.

As Edições Galo Branco lançaram o 40º volume da Coleção *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*. Aricy Curvello participou do 25º volume.

Israel Dias Novaes, membro da Academia Paulista de Letras, faleceu vítima de infarto, no dia 6 de junho, aos 89 anos. O Escritor, advogado, jornalista e deputado nasceu, na cidade de Avaré, no dia 30 de abril de 1920. O autor de *Papel de Jornal* era membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Paulista de Jornalismo, entre outras entidades.

A Audiência Pública sobre a Criação do Fundo Setorial Pró-Leitura, realizado no dia 16 de junho em Brasília, debateu a criação do Fundo Setorial Pró-Leitura, que prevê o recolhimento de 1% do faturamento do mercado editorial. O Fundo almeja financiar as ações previstas no Plano Nacional do Livro e Leitura.

O Poesia ao Vento, que acontecia sempre nas terceiras sextas-feiras, no SESC Piracicaba, será realizado, a partir deste mês, sempre na última sexta-feira.

O Blog Revista Lusofonia www.revistalusofoonia.wordpress.com, atualizado no dia 10 de junho, apresenta como tema principal o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

Hernâni Donato traduziu *A Divina Comédia* de Dante Alighieri, que foi lançada pela Editora Nova Cultural.

Tânia Pellegrini recebeu o Prêmio de Melhor Livro em Português, publicado em 2008, pela Associação de Estudos Latino-Americanos, com o livro *Despropósitos - Estudos de ficção brasileira contemporânea*.

Mário Azevedo Alexandre realiza autógrafos do novo livro *Futebol na minha Vida* no dia 26 de junho, no Ilha Porchat Clube, Av. Paulo Gonçalves, 61, em São Vicente (SP). A obra lançada pela Editora Comunnicar reúne crônicas, histórias e causos.

Raquel Naveira está com trabalho publicado no primeiro número da revista *Desassossego* - <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/desassossego>.

Revista da UFG, da Universidade Federal de Goiás, na edição de junho, apresenta um ensaio da Profa. Darcy França Denófrío sobre Aricy Curvello.

A Poesia dos Anos 70, organizada por Afonso Henriques Neto, será lançada pela Editora Global. A obra abrigará trabalhos de Aricy Curvello.

Dois Quadros do Hélvio Lima, da série em que ele aplicou versos de Aricy Curvello às telas, serão instalados na Biblioteca Nacional de Brasília.

Whisner Fraga lançou o romance *Abismo Poente* (Editora Ficções).

Luiz Wilson lançou *VENDENDO & APRENDENDO em Cordel*, no dia 10 de Junho, no Espaço Cultural Alberico Rodrigues, Pça Benedito Calixto, 159, em São Paulo. Site www.albericorodrigues.com.br.

Gessy Carisio de Paula, Presidente da Academia de Letras e Artes de Araguari, lançou *MULHERES EMPREENDEDORAS - O olhar feminino no mundo dos negócios*.

Nadir Silveira Dias foi agraciado com a *Médaille de Vermeil*, instituída pela Sociedade Acadêmica de Artes, Ciências e Letras de Paris - *Société Académique des Arts, Sciences et Lettres*.

O Sarau Literário Piracicabano acontecerá no dia 14 de julho, terça-feira, a partir das 19:30 horas, terça-feira, na Sala 2 do Teatro Municipal de Piracicaba, Rua Gomes Carneiro.

Alexandru Solomon lança *O Desmonte de Vênus*, no dia 24 de junho, às 19 horas, na Saraiva MegaStore do Shopping Higienópolis, em São Paulo.

A Academia Mineira de Letras publicou na 86ª edição da sua revista o artigo *A Literatura e a Arte Aldravista - Movimento Mineiro do Século XXI*, disponível no site <http://academialetrasbrasilmariana.blogspot.com/>

Profa. Sonia Adal da Costa

Aulas Particulares

Revisão

Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br